



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

AULAS ABERTAS E O ESPORTE NA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

Por: Albio Fabian Melchiorretto¹
albio.melchiorretto@gmail.com

&

Luís Carlos Rodrigues²
luis.rodrigues@ifc.edu.br

Qualquer pessoa de sucesso sabe que é uma peça importante, mas sabe que não conseguirá nada sozinho.

Bernardinho, 2006

Resumo

O presente artigo analisou uma experiência com a abordagem metodológica de ensino da Educação Física intitulada de Aulas Abertas, a partir de práticas corporais de uma escola técnica federal durante a realização de um projeto de ensino de voleibol da instituição, durante o ano de 2016, no município de Ibirama, no estado brasileiro de Santa Catarina. Esta análise é feita e discutida a partir da seguinte questão norteadora, como se articula a relação entre práticas corporais e a metodologia Aulas Abertas num projeto de ensino de um esporte na escola? A prática será cartografada a partir das leituras de Gilles Deleuze e Félix Guattari através de relato de experiência. Previamente apontamos uma situação paradoxal, numa prática esportiva essencialmente coletiva com a prática de tomada de decisões também coletiva, o que existe é uma prática reprodutiva, que faz com que os indivíduos se fechem em si mesmos. Então, como considerar corpos que inseridos dentro de uma perspectiva esportiva para a coletividade e para tomada de decisões colaborativas respondem a partir de uma ação maquínica para além da prática?

Palavras-chave: Educação Física; Aulas Abertas; Cartografia; Coletiva; Reprodução.

¹ É Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, é Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, é Especialista em Filosofia pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB, é Especialista em Gestão Escolar pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC – SC e é Graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE. É professor celetista do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, ministrando as disciplinas de Ética, cidadania e meio ambiente, Relações sócio-profissionais e Preparação para o trabalho. Atua como docente no MBI sobre Educação profissional do futuro, com a disciplina Tendências tecnológicas e de aprendizagem. Atua na Linha de Pesquisa sobre Saberes de si. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional. Coautor dos livros “Valores: formação humana e o desenvolvimento da ação” (2016) e “Leitura e escrita na construção do conhecimento” (2015).

² É Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB e Graduado e Licenciado em Educação Física pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UESC. É servidor público federal, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, de Educação Física, lotado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – IFC, no campus da cidade de Ibirama. Atua como Coordenador no Projeto de Pesquisa sobre Jiu-jítso-IFC-2017: uma experiência da relação entre memória e corpo na cultura corporal do movimento. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Rezumo

Tiu artikolo analizis sperton kun la metodika alproksimiĝo de instruado de fizika edukado titolita *Open Klasoj de korpa praktikoj de federala teknika lernejo dum ĝi direktis al flugpilkon instruado projekto de la institucio dum la jaro 2016 en komunumo de Ibirama, en la brazila ŝtato de Santa Catarina*. Tiu analizo estas farita kaj diskutis inter jenaj gvidante demando, kiel ĝi artikas la rilaton inter korpo praktikoj kaj *Open Classes* metodiko en instrui dezajnon de sporto en lernejo? La praktiko estos mapita de la legadoj de Gilles Deleuze kaj Félix Guattari per sperto-raporto. Antaŭe atentigis paradokso, esence kolektiva sporta praktiko kun la praktiko de ankaŭ kolektiva decidiĝo, kio ekzistas estas reproduktaj praktiko, kiu kaŭzas individuojn fermi en si mem. Do kiel ni konsideras korpojn, kiuj estas enmetitaj de sporta perspektivo en kolektiva por kunlabora decido de maŝinaj agoj preter praktiko?

Ŝlosilvortoj: Fizika Eduko; Malfermaj Klasoj; Cartografio; Kolektiva; Serĉi.

Abstract

The present article analyzed an experience with the methodological approach of Physical Education teaching entitled *Open Classes*, based on corporal practices of a federal technical school during the accomplishment of a volleyball teaching project of the institution, during the year 2016, in the municipality of Ibirama, in the Brazilian state of Santa Catarina. This analysis is made and discussed from the following guiding question, how does the relation between corporal practices and the *Open Classes* methodology articulate in a project of teaching a sport in the school? The practice will be mapped from the readings of Gilles Deleuze and Félix Guattari through an experience report. We have pointed out a paradoxical situation, in an essentially collective sports practice with the practice of collective decision-making, what exists is a reproductive practice, which causes individuals to close in on themselves. So how do we consider bodies that are inserted from a sporting perspective into a collective for collaborative decision?

Key words: Physical Education; Open Classes; Cartography; Collective; reproduction

Resumen

El presente artículo analizó una experiencia con el enfoque metodológico de enseñanza de la Educación Física titulada de *Clases Abiertas* a partir de prácticas corporales de una escuela técnica federal durante la realización de un proyecto de enseñanza de voleibol de la institución durante el año 2016, en Ibirama, en el estado brasileño de Santa Catarina. Este análisis se hace y se discute a partir de la siguiente cuestión orientadora, cómo se articula la relación entre prácticas corporales y la metodología *Clases Abiertas* en un proyecto de enseñanza de un deporte en la escuela? La práctica será cartografiada a partir de las lecturas de Gilles Deleuze y Félix Guattari a través de relato de experiencia. Previamente apuntamos una situación paradójica, en una práctica deportiva esencialmente colectiva con la práctica de toma de decisiones también colectiva, lo que existe es una práctica reproductiva, que hace que los individuos se cierren en sí misma. Entonces, ¿cómo considerar cuerpos que insertados dentro de una perspectiva deportiva para la colectividad a la toma de decisiones colaborativas responden a partir de una acción maquina más allá de la práctica?

Palabras clave: Educación Física; Clases Abiertas; Cartografía; Colectiva; Reproducción.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O primeiro saque

A epígrafe de Bernadinho trata da importância da competência colaborativa. Esta é pensada como uma das características do profissional do futuro, destacada por Lins (2014) quando observa as transformações do mundo do trabalho e o impacto da escola na formação dos ingressantes ao mundo do trabalho. A frase supracitada de Bernadinho (2006), como a temos, não fala diretamente do objeto deste artigo que é uma experiência com o esporte na sala de aula, mas fala da importância do grupo, do desenvolvimento de competências colaborativas, e nós a relacionamos como esta competência que é importante para o desenvolvimento da metodologia de *Aulas Abertas* em práticas esportivas na sala de aula.

O esporte apresenta-se como uma atividade de aprendizagem coletiva, em que predomina a relação de uma pessoa com outras. Possibilita, assim, a interação do grupo como um todo, utilizando para tanto, estratégias simples de ataque, defesa, sistemas técnicos e táticos, dentre outros (KREBS, 1995).

Não é o esporte em si, mas as possibilidades que ele, na escola, oferece. Como encontramos nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* quando fala que o esporte “para além das técnicas de execução, a discutir regras e estratégias, apreciá-los criticamente, analisa-los esteticamente, avalia-los eticamente, ressignificá-los e recria-los” (BRASIL, 1997, p. 24). O esporte, dentro deste contexto cai muito bem. Ele garante o acesso às práticas de cultura popular, como também contribui para uma construção de estilo. Isto tudo nos falamos a partir de uma leitura de documento oficial, porém, a pesquisa tangenciará esta perspectiva a partir de uma metodologia de ensino da educação física conhecida como *Aulas Abertas*.

Então, o presente artigo versa sobre esportes nas aulas de educação física na escola em relação com a abordagem metodológica de ensino da Educação Física intitulada de *Aulas Abertas*, conforme Hildebrandt e Langig (1986). Pouco mais de trinta anos após a publicação da obra Reiner Hildebrandt e Raalf Laging, *Concepções abertas no ensino da educação física* de 1986, encontramos uma significativa mudança na maneira de se pensar a educação física na escola. A educação física neste território foi deslocada das ciências naturais para as ciências humanas, num conjunto de ações que foram mobilizados para consolidá-la objetivamente

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como cultura corporal de movimento. No entanto, a face competitiva do esporte continua sendo o principal conteúdo das aulas de educação física.

Pretende-se uma cartografia a partir da seguinte questão norteadora: *como a abordagem das Aulas Abertas pode contribuir para se pensar o esporte na cultura corporal de movimento?*

Como sacar

Realizou-se um relato de experiência de um projeto de ensino, no qual foi ensinado voleibol. O projeto foi desenvolvido no Instituto Federal Catarinense – Campus de Ibirama, SC, Brasil, ao longo do ano de 2016. Três categorias foram privilegiadas: a metodologia das Aulas Abertas, o esporte na escola e a cultura corporal de movimento.

Conforme, Dolz & Schneuwly (1996), no relato de experiência, o pesquisador faz uma memorização e documentação de suas vivências, situando-as no espaço e no tempo. Este instrumento metodológico permite o posterior relato de experiências passadas em relação com os saberes científicos pertinentes à área de conhecimento estudada.

Utilizou-se o método cartográfico a partir das leituras de Deleuze e Guattari (2000). Passos, Kastrup e Escóssia (2009) apontam que esta metodologia desenha redes de forças na qual os sujeitos investigados e o investigador encontram-se profundamente conectados. Aqui, o campo de pesquisa e a atuação profissional de um dos autores é o mesmo. Uma profunda conexão, onde o conhecer e o fazer se tornam inseparáveis. Com a prática visamos acompanhar um processo e não representar um objeto, conforme Passos, Kastrup e Escóssia (2009) indicam. Em outras palavras investigamos um processo de produção e de construção nascido no território das aulas de Educação Física. Isto não foi apenas uma seleção de dados produzidos, mas são ideias reflexivas que se envolvem com a metodologia da prática esportiva e da prática escolar, como também os dados gerados e a análise que aqui propomos.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1, 2, 3 e corta

A ideia de cultura corporal pode ser assumida de maneira ampla, não somente no nível biológico ou físico, mas humano. Além disso, o conceito de cultura é muito dinâmico, sendo ele próprio construído historicamente, segundo a organização social do homem, suas formas de ser e agir. De acordo com uma concepção semiótica, que é recorrente na educação física, cultura é:

[...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1989, p. 66).

A partir da filosofia, procura-se compreender o movimentar-se do corpo. O fenômeno do corpo em movimento é pensado, muitas vezes, filosoficamente, na relação entre mente e corpo. Com efeito, as práticas corporais exigem, na sua concepção, aspectos culturais e fenomenológicos. Os pensadores da educação física procuram não reduzir os conteúdos da disciplina a aspectos corporais somente. O movimento incorpora-se necessariamente à cultura para se pensar a educação física na escola atualmente. Ganhando relevo o conceito de cultura corporal de movimento. Para que se possa escapar da dicotomia mente-corpo, conforme Fontes (2013), atualmente, predominam práticas corporais reprodutivistas na escola. Para Foucault (2009b), a modernidade constrói corpos dóceis: o corpo perturba e precisa ser controlado e, segundo Foucault (2009a), saúde e rendimento social e individual são metas de uma política sobre o corpo.

Foucault (2009b) compreende o corpo como um objeto de tecnologias disciplinares na modernidade. Segundo ele, para um melhor aproveitamento espaço-temporal, a disciplina atua nos indivíduos, distribuindo-os em espaços. O corpo torna-se objeto e alvo do poder, “corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

forças se multiplicam” (FOUCAULT, 2009b, p.132). Homem-máquina, analisável e manipulável. Inteligível e obediente. Útil e obediente. Utilidade obediência atuam, uma sobre a outra, reciprocamente (FOUCAULT, 2009b).

A disciplina atua diretamente sobre o corpo, de maneira imanente, dando consistência àquilo que Foucault (2009a, 2009b) chama de biopoder. Um poder sobre a vida. Para tanto, conforme Dreyfus e Rabinow (1995), o corpo deixa de ser apenas objeto e torna-se sujeito, na biopolítica, que, para Foucault (2009a), recai no biológico: higiene e saúde. A busca de um melhoramento do corpo enquanto espécie. Um modelo racial burguês que se expandiu. Melhoria da espécie, desejada pelo proletariado. Conforme Foucault (2009a), os anseios burgueses não foram impostos. O que ilustra muito bem a compreensão do autor sobre poder.

Poderes, não se trata do poder, provêm de todos os lugares, indo a todas as direções, para Foucault (2009a), não se reduz a uma relação de dominadores e dominados, um poder verticalizado, de cima para baixo. Uma universalidade do modelo burguês foi desejada. A disciplina e a biopolítica atuam muito mais de maneira positiva. Menos de maneira negativa, repressiva ou impositiva.

O corpo, enquanto objeto e sujeito, é encarnado pela disciplina e pela biopolítica para que se viva da maneira como elas possibilitam. Trata-se de tecnologias que funcionam como dispositivos de poder e de saber, que atuam sobre o corpo para ordenar, ou prescrever certa maneira de se viver: colocando em relação, corpo, poder e saber para constituir o sujeito moderno.

Para Cervi (2010), a escola faz o que é conveniente para o modo de viver capitalista em que nos encontramos. Interesses econômicos controlam a educação, que deve seguir um modelo de uma empresa produtiva nos moldes do capitalismo. Conforme Biesta (2012), a educação acontece como um negócio, no qual, um produto é oferecido. “Esquece-se que uma razão principal para engajar-se na educação é precisamente descobrir o que se deseja ou se precisa” (ibid, p.41).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para Cervi (2010), a produção nos moldes do mercado é coletiva, não apenas individual, sendo assim, intensificada. Segundo Guattari e Rolnik (1996), trata-se de um modo de vida do sistema capitalista:

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, [...] Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro - em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é "a" ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria ideia de vida social organizada. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.42).

A escola é constituída por uma subjetividade que reproduz e adentra, com raras mudanças em curso. Ball (2011) evidencia mudanças na educação que intensificam um controle centrado diretamente nas pessoas, tornando mais frouxa a burocracia, para valorizar o empreendedorismo. O que faz com que os indivíduos se fechem em si mesmos. Mas, a burocracia e outros controles desaparecem até certo ponto, apenas, na medida em que seja conveniente para um maior dinamismo exigido pelo capitalismo moderno.

Bloqueio

Para Darido (2003), pensar o movimento junto à cultura corporal valoriza a educação física, num sentido mais humano de se pensar o corpo. Segundo Soares et al. (1992), o saber cultural amplia os horizontes da disciplina na educação. Com as *Aulas Abertas*, Hidelbrandt e Langig (1986) defendem que os alunos tomem decisões junto do professor ao longo do processo educativo. Atitude que faz com que processo educativo possa ser pensado para além da mera transmissão, como uma “[...] construção de situações em que se tornam possíveis experiências específicas para superação de situações de vida presentes e futuras” (ibid, p. 6).

A visão de educação da metodologia das *Aulas Abertas*, segundo a trama teórica deste trabalho, vai ao encontro de uma maior amplitude de possibilidades das práticas corporais na cultura corporal de movimento.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Hildebrant-Stramann (2001) valorizam a experiência na didática da Educação Física nas Aulas Abertas. O autor critica a perda vivência, experiência dos sentidos, do corpo. A educação física interrompeu o funcionamento dos sentidos. Importa-se com a objetividade somente. São privilegiados conteúdos, segundo o que é tradicional, adequando os objetivos traçados previamente. Durante a introdução dos alunos nos esportes, tudo se passa em formas estereotipadas, em espaços formatados, em tempos que não mantem relação com o tempo vivido.

Para uma apropriação da cultura corporal de movimento, as atividades desenvolvidas perdem as possibilidades de construção de sentido, quando ficam restritas à reprodução dos gestos técnicos característicos dos desportos e às regras preestabelecidas pelas federações e confederações, ou por aquilo que é difundido pelas mídias. São necessárias novas possibilidades no cotidiano das atividades.

Pressupostos que abrem possibilidades nas aulas de educação física na escola podem ser alcançados com as *Aulas Abertas*:

- A abertura de possibilidades frente aos conteúdos técnicos, sem que, entretanto, estes deixassem de ser abordados.
- O privilégio do diálogo com os alunos durante as aulas.
- As relações entre professor e estudantes acontecendo, tanto de maneira direta, como não direta.
- Predomínio de atividades práticas que possibilitem a vivência dos movimentos do corpo humano.

Diante de aspectos singulares da metodologia das Aulas Abertas: a valorização da participação dos estudantes durante as experiências práticas possibilita uma crítica à cultura esportiva, tornando possível a apropriação do esporte, como se tentará mostrar abaixo, para a construção de novas possibilidades no seio desta mesma cultura.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Vai a dois

Quando começou o ano letivo, com a aprovação do projeto de ensino de voleibol surgiu uma questão: qual sentido poderia ser dado ao projeto? Acontece que, todas as expectativas em torno do projeto remetem à formação de equipes para a participação em competições esportivas de nível escolar. Assim, *a priori*, o que importa é um bom programa de treinamento esportivo. Mas, quando se tem uma postura crítica em relação à educação física, fica muito difícil pensar o ensino de um esporte somente em termos de rendimento. Assim, para que o projeto não se reduzisse ao treinamento do voleibol, escolheu-se a metodologia das Aulas Abertas.

Houve muitas dificuldades em se colocar em prática a metodologia das Aulas Abertas. A visão de que o jogo deve ser jogado segundo regras pré-estabelecida e a ênfase no rendimento estiveram sempre presentes. A participação em eventos esportivos parece ter sido razão principal para que os estudantes realizassem as atividades propostas. As tentativas de se abrir possibilidades para além do treinamento pareciam ser, muitas vezes, enfadonhas para os estudantes. O oferecimento da possibilidade de os estudantes realizarem uma prática com possibilidades abertas não foi em diante em parte do que é proposto pela metodologia. Os estudantes mostraram-se desejosos de uma prática voltada para o treinamento, o que acabou acontecendo.

Por outro lado, houve efeitos aparentemente positivos em relação a aplicabilidade da metodologia. Em especial, a maior amplitude de tomada de decisão por parte dos estudantes. Embora as atividades tenham sido direcionadas necessariamente para o treinamento, tenha havido o privilégio do gesto técnico, repetitivo, o diálogo esteve sempre aberto, muitos estudantes mostraram grande interesse em serem protagonistas de tudo que acontecia no projeto, auxiliando muito no planejamento e execução das atividades. Mantiveram sempre um forte sentimento de equipe e um espírito solidário para com seus colegas, inclusive, os mais habilidosos ajudaram muito os iniciantes. O *fair play* foi vivenciado, tanto nos treinamentos, quanto nos jogos. Durante as competições, a postura ética da equipe foi impecável, diferenciando-se neste quesito de algumas equipes adversárias.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em fim, a abertura de diálogo com os estudantes, que é requisito para a metodologia das Aulas Abertas foi obtida. Inclusive, parece ter inibido o desejo de se vencer a qualquer custo, embora os estudantes tenham mostrado bastante competitivos. Por outro lado, a abertura de possibilidades na experiência dos movimentos não teve êxito, o gesto técnico eficiente e eficaz parece estar fortemente encarnado no corpo dos estudantes, como se não houvesse outras possibilidades.

Desafio

Quais são as utopias que atravessam a vida de um professor? Usamos utopia como desejo que vai além das possibilidades dadas pelos espaços convencionais. Então, a pergunta que melhor caberia é, quais desejos atravessam um professor diante de uma turma ao propor um projeto diferente da forma habitual que os estudantes estão acostumados? A pergunta é feita diante de uma escola, que por si só, constitui-se a partir da modernidade como um espaço de tutelamento sujeito a autoridade, um lugar para civilizar e dar continuidade a uma estrutura maquínica conforme Varela e Alvares-Uria (1992) afirmam e Cervi (2010) saliente ao apontar os moldes mercadológicos que dão sentido a este tutelamento. Desejos paradoxos, de um lado a utopia de práticas corporais na cultura através de uma construção dialogada coletiva, noutro lado corpos em espaço de tutelamento e rigidez.

A transposição de uma utopia em vivência se constitui no traçar de linhas de fuga, diante da maquinaria que atende demandas de mercado. Na experiência, o que vimos, foi uma vitória do controle. Uma linha de fuga, segundo Deleuze e Parnet (1998) perde sua estanqueidade, ela desterritorializa. Provoca para fazer fugir. Ao resistir, os estudantes, demarcados estanques por uma ação da máquina, se recusam a fazer fugir. Enraizados pelo sistema celebram a hierarquia posta por anos de escolarização. A proposta de uma nova metodologia no ensino médio, após anos da educação básica, não poderia trazer resultados diferentes. Para os pensadores franceses uma linha de fuga consiste em quebras de dicotomias, e esta quebra é o que propõe a prática de Aulas Abertas ao pensar a superação de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

situações de vida presentes e futuras. Tudo está cercado de desejos, pois houve um distanciamento claro entre aquilo que foi desejante pelo pesquisador e aquilo que é desejado pelos corpos dos estudantes. Enquanto que se esperava de um lado uma construção coletiva e participativa, doutro, o esquema pronto e dado era intensificado na resistência ao experimentar o novo.

Então como emancipar alguém que está dócil para o tutelamento? Para Deleuze e Parnet (1998) uma linha de fuga pressupõe desterritorializar-se. Então, aproximando a ideia de linha de fuga com a emancipação, então caberia ao estudante, dentro da metodologia de *Aulas Abertas* desterritorializar-se. E este movimento não aconteceu totalmente. Não se trata de encontrar culpados, mas de realizar uma leitura sobre a própria prática em sala de aula. Quando há um grupo que foi tutelado desde as séries iniciais a pensar o esporte como rendimento ou treinamento, uma proposta de coletividade na tomada de decisão, causa um estranhamento pela diferenciação de práticas já consolidadas, ou melhor, territorializadas, com fronteiras bem definidas. Fazer fugir pelas fronteiras não é uma tarefa fácil, mas é algo exigente. A experiência, não foi emancipatória em sua plenitude, mas também não foi um fracasso. Quando se percebe um envolvimento de passos seguintes, em decisões conjuntas, mesmo que decisões secundárias, evidencia-se que algumas linhas são desenhadas, embora que superficialmente. Talvez o tempo dado pelas instituições de ensino, seja insuficiente para repensar a própria prática com os estudantes, mas neste tempo, vivenciamos utopias, frustrações, e ao mesmo tempo uma luz dentro das possibilidades que são dadas. Fazer fugir, como Deleuze e Parnet (1998) indicam talvez não seja possível, mas uma primeira resistência a máquina tutelar talvez possa ser uma possibilidade.

Mas qual a importância disso? Apresentamos a questão da emancipação, embora os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1997) falem do elemento curricular de educação física como um espaço para autonomia. Tanto a autonomia, quanto a emancipação, partem da construção de linhas de fuga do tutelamento que os estudantes e professores são submetidos a todos os instantes. Envolver estudantes em propostas metodológicas onde a participação e o engajamento vão além da reprodução é uma tarefa desafiadora. O único documento oficial que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tomamos como referência neste texto, indica que as aulas de educação física envolvem múltiplos conhecimentos do corpo e do movimento, onde o esporte é apenas uma manifestação dentre tantas. Não estabelecemos uma crítica ao lugar do esporte nas aulas de educação física, mas estabelecemos uma chamada de atenção pela importância que os estudantes dão ao esporte, sem uma transformação deste, neste espaço como única forma de conhecimento atrelada a educação física. Como se não houvesse possibilidades. Ao recorrer a metodologia de *Aulas Abertas* busca-se alinhar os estudantes em práticas avaliativas e auto avaliativas que envolvem aspectos críticos, estéticos e éticos, conforme os *PCNs* (BRASIL 1997) determinam. O alcance deste alinhamento, não linear, surge a partir do momento que os envolvidos se permitam desterritorializar-se das amarras conceituais que trazem consigo. O esporte, tal como os estudantes o percebem, possui um lugar nas aulas de educação física, mas não é o único lugar, o que leva a resposta afirmativa seguinte pergunta: existe lugar para a metodologia de *Aulas Abertas* e não é utopia.

Pós-jogo

Depois de estudos, leituras, discussões e estar na escola junto com os estudantes brotam alguns questionamentos. Quando se lê sobre *Aulas Abertas*, alguém trabalhe com educação, educação física na escola, ou não, depara-se com o desvelamento de uma realidade sombria da educação. Por outro lado, ao mesmo tempo, muitas vezes, fica encantado com a abertura de possibilidades que a temática apresenta. Uma pergunta torna-se inevitável: existe mesmo lugar para *Aulas Abertas* na educação física? Independentemente da resposta, aquele que foi fisgado pelo tema, leva junto de si, uma crítica radical contra a maneira tradicional como se educa.

A proposta de diálogo trazida com as *Aulas Abertas* torna possível a vivência do movimento com liberdade, com abertura para a cultura corporal de movimento. No entanto, não se tem notícia de muita coisa que remeta à metodologia das *Aulas Abertas* no cotidiano



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

das escolas. Conforme Fontes (2013), quando não se tem uma prática reprodutivista, o que se tem fica reduzido a um mero deixar a bola rolar.

Pretende-se recusar uma interpretação daquilo que está escrito. Conforme Passos e Benevides (2009), o método cartográfico atravessa a padronização daquilo que se pesquisa. Num caminho não formado completamente, em devir. Devendo, inclusive, colocar em jogo o ponto de vista do pesquisador.

Agora, chega a hora de explicar melhor a epigrafe com a fala de Bernardinho. Ora, talvez o ex-treinador da seleção brasileira de voleibol seja encarnação de tudo contra o que aqueles que se identificam com a metodologia das *Aulas Abertas* lutam: competição, treinamento, eficiência, eficácia, autoridade, ambição, etc. Acima, levantou-se a questão sobre a possibilidade de aplicabilidade da metodologia das *Aulas Abertas* na educação física. A instituição escola anula tudo que não se enquadra com o sujeito que se objetiva e se subjetiva pelo capitalismo. A cultura corporal de movimento que transita no território escolar é alienada pela mídia e disciplinada pela própria escola. Sem falar da família e da Igreja que não medem esforços para que nada de diferente aconteça na escola. Deleuze e Guattari (2000) pensam a fuga de um território sem que se saia do próprio território.

A metodologia das *Aulas Abertas* trás uma proposta de mudança no seio da própria escola, nas aulas de educação física. Não se conseguirá mudar as engrenagens da escola com força bruta. São muito poderosas. Funcionam com dispositivos de poder propagados em diferentes instituições conforme Foucault (2009b): prisão, hospital, hospício, etc. Assim, a disciplina das *Aulas Abertas* somente trará resultados quando inserir-se na escola como se fosse um vírus. Precisa se acoplar às estruturas existentes para subvertê-las. Conforme Deleuze e Guattari (1995), pode-se tornar-se gago em sua própria língua. Variação contínua. Uma língua menor a partir de uma língua maior. Não se cria um território de uma língua menor, desterritorializa-se a maior.

A noção de devir de Deleuze e Guattari (1997) aparece na construção de algo diferente. “Um devir não é uma correspondência de relações. Mas, tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação.” (ibid, p. 18). Há devires



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mulher, travesti, criança, animal, etc. A linha do devir animal, ou mesmo outro devir, está sempre em vias de se diferenciar em si própria. Ela passa pelo homem e, por exemplo, pelo animal.

O devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele se torna; e, simultaneamente, o devir outro do animal é real sem que esse outro seja real. É este ponto que será necessário explicar: como um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro. É o princípio de uma realidade própria ao devir (a idéia bergsoniana de uma coexistência de "durações" muito diferentes, superiores ou inferiores à "nossa", e todas comunicantes). (ibid, p. 18).

Há aqui uma importante vinculação entre um devir com outro devir, como condição de se tornar outro sem deixar de ser aquilo que se era. Pode-se fazer uma aliança com Bernardinho, não para idolatrar o astro do voleibol, mas deformá-lo para trazer nas palavras dele a destruição daquilo que ele representa: “qualquer pessoa de sucesso sabe que é uma peça importante, mas sabe que não conseguirá nada sozinho” (BERNARDINHO, 2006). Vislumbra-se assunção de que não estamos sozinhos no mundo. De que precisamos uns dos outros e que podemos viver coletivamente. Ainda que o lugar de onde fala o Bernardinho seja profundamente desprovido de qualquer possibilidade de se fazer uma crítica contra a maneira como se vive, pode-se roubar suas palavras para se mostrar como as coisas poderiam se diferentes.

Neste cenário, em que se encontra a educação física na escola, a metodologia das *Aulas Abertas* vai ao encontro dos esforços teóricos de uma abordagem cultural da educação física contra a mera reprodução do movimento. O principal conteúdo da educação física na escola pode realizar um desvio da realidade histórica em que se vive e, quem sabe, construir outras possibilidades. O esporte na educação física pode utilizar a fundamentação teórica da abordagem das *Aulas Abertas* como metodologia para que a cultura corporal de movimento possa ser efetivamente trabalhada, tendo em vista uma abertura ao diálogo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

REFERÊNCIAS

- BALL, S. J. “Sociologia das Políticas Educacionais e Pesquisa Crítico-Social: uma revisão pessoal das políticas educacionais e da pesquisa em política educacional” In BALL, Stephen J; MAINARDES, Jefferson (Orgs). **Políticas** Educacionais: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011.
- BERNARDINHO. **Transformando o suor e ouro**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
- BIESTA, Gert. **Para Além da Aprendizagem: Educação Democrática para o Futuro**. 2012.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CERVI, Gicele Maria. **Política de gestão escolar na sociedade de controle**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.
- DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. 2ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- _____. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. V.2. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. V.4 São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.
- DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. “Gêneros e progressão em expressão oral e escrita: elementos para reflexões sobre uma experiência suíça” In **Enjeux**: 31-49, 1996.
- FONTES, Patrícia. “Em busca de uma Educação Física crítica reflexiva: primeiros passos do PIBID FURB Educação Física” In GICELE, Maria Cervi; *et al.* **Formação Docente: qualificando conceitos em diferentes tempos e espaços**. Blumenau: EDFURB, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: editora Graal, 2009a.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, 2009b.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GUATTARI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Raalf. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- HILDEBRANT-STRAMANN. R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. Unijuí. 2001.
- KREBS, R. J. **Desenvolvimento Humano: Teoria e Estudos**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995. São José.
- LINS, João (coord.). **O futuro do trabalho: impactos e desafios para organizações no Brasil**. [s/d]. PWC – FGV EAESP, 2014.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-investigação e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- VARELA, Julia. ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escolar**. São Paulo: Teoria & Educação, n. 6, p. 68-96, 1992.